

# RESGATE DA MEMÓRIA E DA ANCESTRALIDADE FEMININA NEGRA EM “OLHOS D’ÁGUA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

## RESCATE DE LA MEMORIA Y LA ANCESTRALIDAD DE LA MUJER NEGRA EN “OLHOS D’ÁGUA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Marcelo Medeiros da Silva<sup>1</sup>  
Daniel Rodas Ramalho<sup>2</sup>  
Margarida Maria Gomes de Lima<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste artigo, objetivamos analisar a presença da memória e da ancestralidade feminina negra na coletânea *Olhos d’água* (2016), de Conceição Evaristo, a partir do conceito de “lugar de fala” de Ribeiro (2017) e das reflexões de Machado (2014), Duarte (2013), Freitas e Santos (2018) e Andrade (2018). O corpus é composto pelo primeiro e pelo último conto da coletânea. Como resultado, constatamos, em ambos os contos, um olhar para a tradição coletivo-individual da mulher negra enquanto lição para o presente, na efetiva construção do futuro.

**Palavras-chave:** literatura, memória, ancestralidade negra, mulher negra.

### RESUMEN

Investigamos la presencia de la memoria y la ascendencia femenina negra en *Olhos d’água* (2016) de Conceição Evaristo, destacando los procesos estéticos en los cuales la autora retoma los saberes ancestrales de la población negra, especialmente las mujeres. A partir de Ribeiro (2017), Machado (2014), Duarte (2013) y Andrade (2018), investigamos cómo se produce ese rescate en la obra, a través de simbolismos propios de las culturas negras. Analizamos el cuento-título de la colección, en lo que se constató el rescate de la identidad cultural de la mujer negra como lección para el presente, en la construcción efectiva del futuro.

**Palabras clave:** literatura, memoria, ascendencia negra, mujer negra.

---

<sup>1</sup> Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e professor de Literatura na Universidade Estadual da Paraíba (Campus I e Campus VI). E-mail: [marcelomedeiros\\_silva@yahoo.com.br](mailto:marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br) / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8642945745816768> / Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1055-910X>

<sup>2</sup> Graduado em Letras e Mestrando em Literatura e Interculturalidade (Bolsista CAPES) pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI-UEPB). Campus I, Campina Grande-PB. E-mail: [drodas917@gmail.com](mailto:drodas917@gmail.com) / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4228020965112183> / Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9626-7065>

<sup>3</sup> Graduanda em Letras – Português (UEPB). Campus VI, Monteiro-PB. E-mail: [margarida.lima@aluno.uepb.edu.br](mailto:margarida.lima@aluno.uepb.edu.br) / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8996359690305624> / Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0210-4999>

## 1 Introdução

O presente estudo objetiva investigar como as ideias de ancestralidade e de memória se fazem presentes no conto *Olhos d'água* (2016) de Conceição Evaristo, apresentando-se enquanto caminho simbólico de resgate das vivências históricas e culturais da mulher negra, de modo a enfrentar os apagamentos decorrentes do machismo e do racismo estrutural. Sendo assim, a princípio, discutiremos o conceito de *lugar de fala* na perspectiva da mulher negra, a partir da ótica de Ribeiro (2017) e Duarte (2013), refletindo sobre as implicações desse conceito na produção literária das mulheres negras na contemporaneidade. Em seguida, trataremos acerca do resgate da ancestralidade e da memória negra através da escrita de autoria feminina, tendo como aporte as considerações de Machado (2014), Andrade (2018), Freitas e Santos (2018) e Evaristo (2020).

No segundo momento, considerando o aporte teórico, enfocaremos nosso ponto de análise na obra da escritora mineira contemporânea Conceição Evaristo. Acerca de sua obra, Andrade (2018) nos diz que Evaristo representa a voz da mulher negra que, ao se apropriar dos meios e do espaço literário como instrumento de reivindicação social e política, assume um olhar estético que traz a mulher negra para o centro da ação, privilegiando suas perspectivas.

Sendo assim, é dentro dessa perspectiva de resgate e reivindicação que se situa a obra de Conceição Evaristo, em especial a coletânea *Olhos d'água* (2016). Considerando a necessidade de um recorte, optou-se por analisar o conto-título, um dos mais significativos da obra, por focar no protagonismo da mulher negra e trazer a centralidade da figura da mãe, possibilitando uma leitura de resgate simbólico da memória e da ancestralidade negra, através da reivindicação estética e política.

## 2 O lugar de fala – categoria útil à compreensão da produção cultural de grupos subalternizados

A filósofa Djamilia Ribeiro, em *O que é lugar de fala?* (2017), inicia sua reflexão sobre esse tema fazendo uma retomada histórica do fenômeno da desumanização da mulher negra dentro do contexto do racismo e do machismo, desumanização essa que se reflete no modo como o próprio feminismo hegemônico – o chamado feminismo *branco*

– acaba por excluir as mulheres negras de suas pautas. Ribeiro (2017) aponta que, enquanto historicamente a luta das mulheres brancas estava pautada na superação de certos limites impostos a elas na prática social – como o direito ao trabalho, ao voto, etc. – as mulheres negras, nesse mesmo período, sequer eram consideradas mulheres.

Segundo Ribeiro (2017), se, conforme Simone de Beauvoir, a mulher, por ser vítima da dominação imposta pelo patriarcado, é tomada sempre como o *outro*, ou seja, como um indivíduo que nunca é visto a partir de si, mas sempre a partir do homem, a mulher negra é tida como mais inferiorizada: ela é o “outro do outro”, pois além de ser vista como o *outro* do homem, é também o *outro* da mulher branca. Isso se dá pelo fato de, além do machismo, a mulher negra sofrer também com o racismo, decorrente de séculos de inferiorização originária dos tempos da escravidão. Sendo assim, se no século XIX, nos primórdios do movimento feminista, as mulheres brancas eram vistas como *delicadas e limitadas*, além de necessitarem ser *domesticadas* nos lares em nome de uma suposta *proteção* masculina, a mulher negra era vista no sentido oposto: ela era o objeto, a mulher *rude*, a empregada para quem o trabalho nunca foi um direito, mas uma obrigação, aquela que, antes de lutar pelo voto, precisava lutar por um direito ainda mais básico: ser reconhecida como pessoa, como ser humano.

Ribeiro (2017) destaca ainda que, ao ser considerada o “outro do outro”, a mulher negra se torna duplamente vítima de uma série de ações e discursos de cerceamento que limitam e distorcem suas próprias experiências: se para a mulher branca é difícil enfrentar a voz e visão masculinas sobre si, para a mulher negra a dificuldade é ainda maior, pois precisa tanto superar o discurso dominante do homem – tanto do branco, quanto do negro – quanto o da mulher branca, que se estabelece como hegemônico no feminismo. Com isso, a mulher negra acaba por se encontrar em um limbo onde não se encaixa nem nas pautas do feminismo branco, centrado nas experiências específicas das mulheres brancas – que, mesmo inferiorizadas, sempre tiveram mais privilégios que as negras –, quanto nas discussões de raça centradas nos homens negros, que apesar de inferiorizados com relação aos homens e mulheres brancos, ainda possuem distinções próprias do machismo com relação às mulheres negras.

Diante desse *terceiro espaço* ocupado pela mulher negra, Ribeiro (2017) aponta, citando Grada Kilomba, a necessidade de se “enfrentar essa falta, esse vácuo, que não enxerga a mulher negra numa categoria de análise” (RIBEIRO, 2017, p. 22). Para tanto, é necessário que as discussões sobre situações de opressão entre homens e mulheres não universalizem os termos *homem* e *mulher*. Isso significa, do ponto de vista teórico, considerar que os homens e as mulheres negras são igualmente vítimas do racismo, o que os inferioriza, na sociedade racista, com relação aos homens e mulheres brancas, ao mesmo tempo em que as mulheres negras, além do racismo, sofrem também com o machismo. Portanto, para se pensar essas categorias, é preciso que se considere o elemento *raça* como tão determinante quanto o *gênero*, visto que a experiência da mulher negra, duplamente silenciada e invisibilizada, é distinta da experiência da mulher branca.

É dentro desse contexto, portanto, que se situa a ideia de lugar de fala. Para Ribeiro (2017, p. 36), “falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir.” Isso significa que o lugar de fala é, portanto, uma demarcação da *existência* de um determinado grupo, que, ao adquirir *voz própria* através das lutas sociais, busca *falar* a partir de suas próprias experiências, fugindo aos mecanismos de dominação e colonização que impõem aos grupos sociais subalternos o lugar do *outro*.

Considerando o contexto da mulher negra, seu lugar da fala se situa, portanto, na posição daquela que foi e é duplamente silenciada pelo racismo e o machismo, tendo sua vivência atravessada pela perspectiva de dominação da sociedade supremacista branca. Sendo assim, nos diz Ribeiro (2017), a mulher negra busca, através da consciência do seu lugar de fala, ou seja, do lugar social e da vivência a partir da qual ela fala, expressar sua própria voz, recusando as distorções e os estereótipos impostos pelo olhar dos brancos.

Quando consideramos a questão do lugar de fala a partir do ponto que mais nos interessa diretamente, a literatura, esse conceito adquire uma nova luz. Tendo em vista que, por ser o *outro* do branco, o negro é visto como o *diferente*, é notável que as obras literárias produzidas por autores brancos acabam por evidenciar percepções distorcidas sobre a vivência dos negros, visto que o lugar de fala do branco é, sem dúvida, diferente do lugar de fala do negro.

Acerca desse ponto, e numa perspectiva em que se faz possível o diálogo com Ribeiro (2017), Duarte (2013) destaca que, dentro do discurso *canônico* da literatura brasileira, a presença dos negros é pequena e adquire características *rarefeitas e opacas*, sem definições e caracterizações mais expressivas, o que decorre diretamente de uma lacuna cronicamente presente na produção literária nacional: o negro é apenas o *tema*, mas quase nunca o autor. Com isso, ocorre justamente o processo a que se refere Ribeiro (2017): sendo a maioria dos autores brancos, a perspectiva, o lugar de fala a partir do qual esses autores expressam seus discursos é branco, o que dificulta, para tais autores, desenvolver uma ótica que caracterize o negro a partir de suas próprias experiências, visto que o autor branco não as vivenciou. Dentro desse contexto, aponta Duarte (2013), a literatura *branca* vê o negro como objeto, caracterizando os personagens negros a partir de estereótipos e reducionismos, não raro, preconceituosos.

Em contraposição a essa visão racista, aponta Duarte (2013), se insurge a ótica da autoria negra, da escrita que assume o lugar de fala do negro e fala a partir de sua própria perspectiva. Com isso, a literatura de autoria negra, produzida no Brasil desde o século XIX com nomes pioneiros como Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama e Machado de Assis, o negro deixa de ser apenas o *tema*, o objeto, mas passa a ser também o autor. Sendo assim, a partir de sua própria vivência, do lugar de fala que reconhece e ocupa socialmente, o autor negro busca romper com os estereótipos dominantes e criar uma visão mais verdadeira e nuançada sobre a sua vivência.

Dentro do contexto do *outro do outro*, ou seja, da mulher negra, esse processo de assumir o lugar de fala a partir da literatura implica assumir a ótica daquela que escreve em enfrentamento às opressões que sofre cotidianamente – o racismo e o machismo – trazendo à tona temáticas que centralizam a figura da mulher negra não apenas como a vítima ou “objeto”, mas como aquela que cria, que se move, que luta por si e pelos seus, assumindo uma postura de protagonismo nas lutas sociais. Afinal, conforme destaca Ribeiro (2017), sendo a mulher negra o sujeito mais inferiorizado na sociedade racista, vítima de múltiplos silenciamentos e dominações, cabe a ela assumir o protagonismo de suas próprias lutas, protagonismo esse que, na literatura, se manifesta através da escrita, da expressão estética de suas vivências. A partir dessa perspectiva, surge, para a mulher negra, a necessidade de reparar e contrapor os discursos históricos de inferiorização,

promovendo, através de uma *escrita de si*, o resgate de sua ancestralidade e memória coletivas.

### **3 Mulher e ancestralidade negra: resgates da memória coletiva a partir da escrita**

Pensar a ideia de ancestralidade a partir de uma perspectiva negra, ou seja, a partir do pensamento construído coletivamente pelos negros e para os negros, implica, segundo Machado (2014), dois movimentos básicos de desconstrução: desconstruir a voz dominante do branco sobre o negro e resgatar a voz ancestral do negro sobre ele mesmo. Acerca desse primeiro movimento, podemos identificar na afirmação de Machado (2014) uma consonância direta com o conceito de lugar de fala em Ribeiro (2017), a partir do qual se insurge a necessidade do negro, e no nosso caso específico, da mulher negra, construir sua própria voz, sua própria narrativa, em contraposição à narrativa dos brancos. A importância desse movimento, segundo Machado (2014), se justifica mediante ao apagamento sistêmico que a cultura negra sofreu e sofre no âmbito de uma sociedade racista, pautada ainda hoje nos limites sociais herdados da escravidão.

Dentro desses limites, a cultura, a memória e os valores ancestrais construídos durante milênios pelas populações negras da África e da diáspora, desde o Antigo Egito até os dias atuais, sofreram um processo de inferiorização por meio do qual tais conhecimentos foram diminuídos e rechaçados, em detrimento do pensamento do branco europeu, que se considerava *superior*. Com isso, todos os elementos culturais que remetem à memória e à ancestralidade africana, como suas línguas, deuses, mitos e expressões estéticas, foram reduzidos à categoria de *inferior* e *ruim*, quando não *diabólica*.

Entretanto, conforme aponta Machado (2014), num país de maioria negra – e feminina – é inegável a influência da cultura e da ancestralidade negra na formação da diversidade nacional, ainda que as origens negras das muitas expressões culturais tomadas como genuinamente *nacionais* sejam, devido ao já referido processo de apagamento, silenciadas. Sendo assim, temos um quadro social em que a ancestralidade negra, ainda que fortemente presente, é negada enquanto força formadora de identidade.

Considerando esse quadro inicial, faz-se necessário o segundo movimento, que se atrela diretamente ao primeiro, que implica o resgate da *voz ancestral* do negro por

ele mesmo. Para Machado (2014), o resgate dessa voz ancestral diz respeito à valorização, por parte do próprio negro, dos elementos culturais que constituem a raiz de sua experiência enquanto ser, sendo que tais elementos dizem respeito a todo o conjunto de conhecimentos herdados pela população negra de sua raiz africana, mas suprimidos por séculos de dominação branca. Tendo em vista essa possibilidade de resgate, Machado (2014) destaca que a ancestralidade negra tem como base um elemento essencial que, uma vez resgatado, traz consigo todo um conjunto de valores relativos à memória e à voz ancestral negra: o mito.

Sendo as culturas africanas, em suas origens, sociedades essencialmente orais, onde todo o arcabouço de conhecimentos era transmitido através da oralidade pelos sábios e *contadores de histórias*, o mito, enquanto fenômeno narrativo, encontra-se no centro desse movimento de resgate da ancestralidade negra. Sendo uma marca cultural na qual se fazem presentes as crenças, os valores e a forma de pensar de um determinado povo, o mito encarna a memória coletiva de séculos de experiência, acumulada pelos ancestrais e, por muito tempo, suprimida pelos valores distintos da sociedade branca dominante. Sendo assim, ao resgatar os antigos mitos, as antigas narrativas sobre os deuses e heróis ancestrais, é possível, ao negro, assumir a postura do relembrar, do rememorar e reconstruir sua voz e identidade, aprendendo, a partir das lições do passado, dos saberes transmitidos pelos ancestrais, lições para caminhar no presente. Isso porque, segundo Machado (2014, p. 63): “Em cada pedacinho de mito, em cada pedacinho da oralidade encontra-se conhecimento, pois nosso corpo está atrelado ao conhecer e o corpo é todo ele, cabeça, pele, cabelo, sangue, olfato, audição... e todo ele está impregnado de ancestralidade”.

O resgate do mito nos traz, portanto, o resgate da experiência, a libertação simbólica do pensamento e do corpo, trazendo à tona a memória viva por muito tempo negada e dando ao negro a possibilidade de (re)construir sua história, tanto no âmbito coletivo quanto no individual, ambos indissociáveis. Para autores como Freitas e Santos (2018) e Andrade (2018), o resgate da ancestralidade através da narrativa assume, portanto, uma dimensão política, de modo que a reconstrução da memória coletiva “perdida” implica uma contraposição ao discurso da narrativa única dominante,



centralizando a retomada do mito, ou seja, da narrativa ancestral, como o cerne desse caminho de desconstrução (da mentalidade branca) e reconstrução (da memória negra).

Quando consideramos, dentro desse contexto de resgate da ancestralidade negra, a posição da mulher negra, o *outro do outro* (Cf. RIBEIRO, 2017), temos uma posição de afirmação político-cultural ainda mais demarcada e necessária. Sendo a mulher negra atravessada por múltiplas opressões, por ser mulher, por ser negra, por ser quase sempre pobre, etc., o ato de ela assumir o papel de protagonismo no resgate de sua ancestralidade traz à tona todo um movimento de insurgência e insubmissão, que se faz presente através, sobretudo, da literatura.

Considerando que a ancestralidade é, segundo Machado (2014, p. 6), “uma raiz sentimental, que recria, [...] a partir de um contexto, manifestando-se nos costumes e tradições, com grande aporte na memória grupal e individual, suas manifestações materiais e imateriais”, é possível afirmar que o mito – ou seja, a narrativa – por constituir a materialização simbólica dessa memória, tem papel preponderante no resgate dos saberes ancestrais. Com isso, dado ao conjunto de simbolismos e conhecimentos que resgata, a literatura de autoria negra e, em especial, a literatura escrita por mulheres negras assumem o papel de retomar e ressignificar os mitos e os símbolos ancestrais através dos quais a ancestralidade e a memória coletiva se materializam.

Sendo assim, é interessante destacar que, se nas culturas africanas ancestrais, o conhecimento era transmitido, sobretudo, por via oral, mas nem por isso menos literária, nos dias atuais, por fatores próprios da contemporaneidade, é a escrita que desempenha o papel maior de resgate da ancestralidade, retomando as experiências próprias do povo negro e transpondo-as para a atualidade. Dentro desse contexto, a voz da mulher negra não só aparece como protagonista enquanto insurgência no hoje, mas também encarna a retomada de sua posição ancestral enquanto *contadora de histórias*, enquanto aquela que preserva a memória de seu povo.

Acerca desse último ponto, a autora Conceição Evaristo (2020) aponta que o papel da mulher negra enquanto preservadora e transmissora da memória ancestral coletiva se funda naquilo que ela chama de *Escrevivência*, ou seja, numa escrita a partir



da vivência, da sua experiência enquanto mulher negra, vivência essa que remete não apenas ao presente, mas a todo um contexto ancestral:

A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. [...] E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande”. [...] Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo. [...] E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. (EVARISTO, 2020, p. 29-30).

Na citação de Evaristo (2020), podemos destacar alguns pontos interessantes para a nossa discussão. O primeiro é que a autora funda a ideia da escrevivência na imagem da Mãe Preta, aquela que, no contexto da escravidão, não era a mãe dos seus próprios filhos (negros), mas a “mãe”, ou seja, a cuidadora dos filhos dos brancos. Temos aí, portanto, um elemento importante para se pensar o papel da mãe e da maternidade a partir do contexto e do lugar de fala da mulher negra: ela é a *mãe* não dos seus, mas dos outros; aquela que é forçada a cuidar dos filhos dos outros, quase sempre em detrimento dos seus. O segundo ponto é a forma como a imagem da Mãe Preta se atrela à literatura e à voz ancestral: ela é a *contadora de histórias*, histórias essas que, sem dúvida, não dizem respeito ao universo dos brancos, mas ao seu próprio universo, enquanto mulher negra, ainda que, no passado, fosse obrigada a contar tais histórias aos filhos dos brancos. O terceiro ponto, e talvez o mais importante, é o modo como a escrita de autoria negra subverte e ressignifica esse papel: se no passado a Mãe Preta era a contadora de histórias cuja voz era silenciada, só podendo se manifestar no momento de servir os brancos, hoje ela não só toma para si a voz como também a escrita, agora com um objetivo distinto: falar, sobretudo, aos seus *filhos*, ao povo negro, sendo protagonista no processo de resgate da memória e da ancestralidade negra.

Sendo assim, assumindo a escrita como um meio de subversão duplamente político (contra o machismo e contra o racismo), retomando os mitos e a cultura ancestral a partir da ótica protagonista do feminino, a mulher negra reinterpreta a literatura como um caminho de resgate das suas raízes, da sua voz enquanto mulher e

negra, gerando novas significações, simbolismos e identidades. É dentro dessa perspectiva, portanto, que se situa a obra literária de Conceição Evaristo, em especial o conto *Olhos d'água*, cuja análise efetuaremos a seguir.

#### **4 O resgate da memória e da ancestralidade feminina negra no conto *Olhos d'água* (2016) de Conceição Evaristo**

*Olhos d'água* é o conto de abertura da coletânea homônima. A narrativa, em primeira pessoa, gira em torno de uma mulher que rememora sua infância com o objetivo de recordar a cor dos olhos da mãe, um detalhe que, por mais que se esforçasse, lhe fugia à memória. Através dessa busca memorialística, a narradora-protagonista traz à tona uma série de lembranças alegres e dolorosas, nas quais a nostalgia da inocência perdida se mescla à reconstrução valorativa de sua ancestralidade, atravessada pela figura da mãe.

A princípio, o primeiro ponto que nos chama atenção, antes mesmo da leitura, é o título: olhos d'água. Trata-se do título tanto do conto quanto da coletânea como um todo, o que destaca a importância desse conto para a compreensão da integralidade da obra. Enquanto construção textual, o título é formado por dois elementos de forte conotação simbólica: os *olhos* e a *água*. Para Chevalier (2018), o *olho*, assim como o ato de olhar, é o símbolo da essência, do universo interior do indivíduo, constituindo a porta através do qual se enxerga a si mesmo, ao outro e ao mundo. Sendo assim, o olho é um elemento de conexão do indivíduo com seu eu e com a realidade que o cerca, sendo o ato de olhar um meio de conectar aquele que olha com aquele que é olhado. Já a *água*, conforme Chevalier (2018), é o elemento da vida, da fertilidade e da regeneração, representando simbolicamente as emoções, numa ligação íntima com o feminino. Sendo assim, temos no título *olhos d'água* uma construção semântico-simbólica que remete à essência do ser, à forma como se enxerga o mundo, e às emoções profundas, através das quais transparece a imagem da mulher como aquela que gera a vida. Além disso, num sentido mais literal, temos a imagem do choro, da lágrima que escorre dos olhos, o que conecta novamente com simbolismo das emoções, visto que a crença popular costuma apontar os olhos como as *janelas da alma*.

Considerando esses apontamentos iniciais, sigamos para o conto em si:

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em eu que estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2017, p. 11).

A primeira frase do conto, “Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca”, já nos dá uma forte pista sobre a temática (re)memorialista da narrativa. O conto se inicia com a narradora-protagonista relembrando algo que aconteceu no passado: “Uma noite, há anos, acordei...”, afirmando que a ação do conto ocorreu anos antes do momento presente no qual ela escreve. Não há uma indicação exata de quantos anos se passaram, o que pode demonstrar que, de alguma forma, talvez sua memória sobre o fato já esteja ficando falha. A ação inicial se desenrola em “uma noite”, na qual a personagem acorda com uma “estranha pergunta” que “explode de sua boca”, ou seja, como um grito. O ato de acordar indica que a pergunta surgiu inicialmente durante o sono, talvez decorrente de algum acesso onírico a sua memória ou de uma epifania noturna. “Estranha pergunta” é uma construção interessante, pois o termo “estranha” vem antes de “pergunta”, como que ressaltando sua estranheza. “Explodiu da boca” remete a algo que irrompe, que surge repentinamente do mundo interior da personagem e rompe para fora de forma insistente e descontrolada. Mas o que seria essa pergunta “estranha”?

“De que cor eram os olhos de minha mãe?”. A pergunta “estranha” que irrompe talvez deva sua “estranheza” ao fato de ser, aparentemente, um detalhe banal, mas que para a personagem tem uma significação profunda. Observemos a frase: a pergunta dá destaque à dúvida sobre a “cor” dos olhos. Se recuperarmos o que nos fala Chevalier (2018) sobre os olhos enquanto caminho de percepção, de enxergar o mundo e a si mesmo, sendo, portanto, uma “janela da alma”, podemos inverter o sentido da pergunta para a sua significação simbólica, na qual ficaria: “De que cor é a *alma* de minha mãe?”.

De que “cor” era a “alma” da mãe da protagonista? Com que olhos ela enxergava a si mesma e ao mundo? Seria a “cor” uma referência à raça, considerando o contexto da mulher negra? Será que, no fundo, a protagonista não está se perguntando sobre a “cor” da mãe, ou seja, sobre a sua identidade enquanto pessoa e sobre a forma como ela se enxerga? Afinal, são os olhos de uma mulher negra? É a “alma” de uma mulher negra? Por que a protagonista não consegue recordar a cor dos olhos/alma da mãe? Qual a origem dessa dificuldade? Será que, por alguma imposição social/psicológica ela tem a sua identidade como mulher negra – e como pessoa – negada? Será que o fato da pergunta irromper pela “boca” não demonstra a necessidade de rememorar e resgatar essa identidade, esse lugar de fala, conforme Ribeiro (2017)?

Após o surgimento da pergunta, a personagem se vê perdida: “Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em eu que estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe?”. Por que ela não conhece reconhecer a “nova casa” em que estava morando, nem como “havia chegado até ali”? Podemos inferir que o fato de não recordar a identidade de sua mãe a impede de reconhecer a sua própria identidade e lugar no mundo: por não conseguir se resolver com o passado, guardando a memória ancestral, a personagem não consegue viver o presente. A seguir, ela fala que a pergunta já havia surgido “há dias, meses”, mas só agora tinha surgido de súbito, “martelando” em sua mente. De fato, a pergunta é repetida diversas vezes no decorrer do conto, destacando a importância da mesma para a mensagem da narrativa. Ao final do parágrafo, num gesto autoacusatório, a personagem se pergunta: “Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?”, frisando a vergonha que sentia por não recordar de algo tão básico e, ao mesmo tempo, tão essencial. A seguir, a personagem inicia um processo de rememorar sua vida:

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha engravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da

verruga que se perdia no meio uma cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela? (EVARISTO, 2017, p. 11).

Na busca por recordar a “cor dos olhos” da mãe, a protagonista rememora detalhes de sua própria infância, destacando a conexão profunda que tinha com a mãe. Por ser a “primeira de sete filhas”, viu-se obrigada a amadurecer, dando conta de suas próprias dificuldades sozinha e “crescendo rápido”, com uma “breve adolescência”, devido à necessidade de ajudar em casa e na criação das irmãs. A conexão com a mãe é evidenciada quando a protagonista afirma que “decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades”, assim como os “prenúncios de possíveis alegrias”. A partir dessa observação, podemos identificar que se tratava de uma família pobre, com a vida sofrida, visto que as “horas de dificuldades” se faziam presentes, mas as “possíveis alegrias” eram apenas “prenúncios”. A personagem recorda-se de vários detalhes do corpo da mãe, como a “unha encravada” e a “verruga na cabeleira crespa e bela”, mas não a cor dos olhos. Note-se que a “unha encravada” remete à dor física, enquanto a “cabeleira crespa” – indicando que a personagem é negra – torna-se elemento de um breve momento de felicidade, quando a protagonista e suas irmãs mais novas, quando crianças, usavam a mãe de “boneca” nos intervalos do “lava lava” e do “passa passa”: atividades repetitivas de uma empregada doméstica e de uma lavadeira que lava as “roupagens alheias” de seus patrões. Temos, portanto, uma vivência de infância própria de uma menina negra de família pobre, cercada de irmãs, com uma mãe trabalhadora e possivelmente solteira, que cuida dos filhos nos raros momentos em que consegue se ver livre de suas obrigações. Com isso, temos uma personagem que já assume, a partir desse ponto, uma perspectiva muito própria a partir de seu lugar de fala enquanto mulher negra, enquanto a mulher que, ao contrário da branca, conforme Ribeiro (2017), não é “protegida” do trabalho e vista como “donzela delicada”, mas sim uma mulher cuja feminilidade é muitas vezes negada, para quem o trabalho braçal sempre foi uma

obrigação, e não uma escolha. A seguir, a personagem continua sua recordação da infância:

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía. (EVARISTO, 2017, p. 11-12).

Nesse ponto, temos um jogo interessante no qual se mescla tanto a memória da filha com a da mãe, quanto a biografia da própria autora. Ao rememorar suas histórias de infância, a personagem funde suas memórias com as de sua mãe, afirmando que a mesma havia “nascido em um lugar perdido no interior de Minas”. Note-se que a própria Conceição Evaristo é, segundo Araújo (2007), uma mulher negra, mineira e de origem humilde. Há, portanto, uma referência à vida da autora e sua vivência enquanto mulher negra, dentro do que afirma Duarte (2013) acerca da literatura negra como um caminho de resgate da identidade e da voz do negro a partir de suas próprias experiências. Já no que diz respeito à própria protagonista, a fusão entre as suas memórias e as de sua mãe, dentro do processo de rememoração da “cor dos olhos” desta última, demonstra o resgate da ancestralidade, da identidade da mulher negra, atravessada praticamente pelas mesmas experiências geração após geração.

Continuando a descrição, a personagem faz referência à fome: “Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento”. A fome aqui é uma característica inerente à pobreza e um fato marcante da infância da protagonista, na qual podemos perceber que, apesar de sua mãe ser uma mulher trabalhadora, lhe faltava o mais básico: o alimento para si e para os filhos. Diante das dificuldades, a mãe busca consolar as filhas, fazendo-as esquecer da fome através de brincadeiras: “Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira.”. Essa descrição é peculiar no conto: como a identificação inicial da filha com a mãe se transforma em “adoração” quase religiosa, pois as filhas se “postavam no chão” e “batiam cabeça” para a mãe. É interessante que os termos “Senhora” e “Rainha” estejam destacados como títulos ou nomes próprios, como que se referindo a uma deusa ou divindade feminina. Do ponto de vista simbólico, Chevalier (2018) destaca que a imagem da mãe simboliza justamente a divindade feminina, a “mãe natureza”, aquela que dá a vida e nutre. No conto, temos uma mãe que, impossibilitada de “nutrir” suas filhas com o alimento, tenta compensá-las com outra forma de nutrição: o amor. E é através dessa visão amorosa da mãe que a protagonista a enxerga como a “Senhora”, a mãe simbólica e ancestral, cuja “cor dos olhos” precisa ser rememorada, para que dessa forma ela possa resgatar a sua identidade e o seu passado. Em seguida, a rememoração continua:

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umaz viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos



da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela? (EVARISTO, 2017, p. 12).

Aqui, temos uma imagem poética na qual a protagonista recorda como ela e a mãe, no final da tarde, observavam formas nas nuvens. De súbito, a imagem então adquire um tom algo fantástico, próprio de um conto de fadas, quando a protagonista descreve que a mãe “espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós.”. Segundo Chevalier (2018, p. 648), a nuvem remete simbolicamente à metamorfose e à transformação, sobretudo quanto ligada ao elemento água. Sendo assim, quando a mãe alça a mão às nuvens e as “colhe” para dar às filhas, pela descrição poética da protagonista, é como se através daquela brincadeira ela quisesse transformar a dor que sofria – ligada à água, às lágrimas – em chuva que “fertilizasse” a alma de suas filhas, trazendo uma breve felicidade em meio ao sofrimento. A ação, segundo a narradora, tinha a intenção de fazer os sonhos das filhas “esvaecerem”, ou seja, derreterem, deixarem seu estado de “nuvem” para “chover” em suas próprias vidas. Em meio a essa imagem, novamente, surge a dúvida sobre a cor dos olhos da mãe, sempre fugidia. A seguir, a imagem da chuva surge de fato, demonstrando o medo que a mãe tinha da mesma, buscando proteger as filhas. É interessante, nesse ponto, que se no momento anterior, no estado de nuvem, a mãe oferecia a “chuva” simbólica às filhas, para que essas pudessem viver um momento de ternura, diante da “chuva” propriamente dita – o confronto com a realidade? – o medo se apodera dela e ela tenta protegê-las. Isso porque, por viverem em um “frágil barraco”, a chuva “real” poderia facilmente destruir suas vidas. Diante desse risco, a mãe recorre à fé, orando a Santa Bárbara. A referência a Santa Bárbara, no contexto de resgate da memória ancestral, é bastante significativa: sendo, a princípio, uma santa católica, Santa Bárbara é comumente sincretizada, nas religiões de matriz africana, com a orixá Iansã, divindade negra relacionada com a força dos elementos e o controle das tempestades. Temos aí, portanto, uma referência implícita à ancestralidade negra, à cultura negra em sua raiz ancestral africana, ainda que “mascarada” sob a devoção católica. Por fim, o trecho destaca como o “choro” da mãe e a “chuva” se fundiam, na memória da filha, criando uma mescla na qual os olhos da mãe – cuja cor a narradora ainda não consegue recordar – eram como os “olhos da natureza”, reforçando

a simbologia “divina” que a filha atribui à mãe. A seguir, o exercício de rememorar continua:

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2017, p. 12).

Aqui temos a referência direta, explícita, ao resgate da ancestralidade negra através da memória. A princípio, a personagem afirma como há anos saíra de sua “cidade natal” em busca de uma vida melhor, trajetória na qual a mãe e as irmãs “tinham ficado para trás”. Mesmo assim, a personagem diz nunca ter esquecido a mãe: “Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família.”. A família, nesse caso, as mulheres da família, aquelas que estavam sempre presentes – note-se que, no decorrer de todo o conto, não há qualquer referência ao elemento masculino, demonstrando o protagonismo da mulher – tinham importância fundamental na vida da protagonista e, conseqüentemente, na construção de sua identidade. A seguir, há a referência direta à ancestralidade negra africana, visto que a protagonista “entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue.”. Trata-se da luta das mulheres negras pela sobrevivência sua e de seus filhos, tão valorizada pela protagonista. Por fim, a frase “Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias.” é importante por demonstrar a recusa da protagonista ao esquecimento: ela se dá a necessidade de lembrar como uma forma de honrar a memória de todas as mulheres que viveram e lutaram no passado para que ela existisse hoje, no presente. A referência às Yabás é ainda mais forte: são orixás femininas, divindades iorubás cultuadas nas religiões de matriz africana, simbolizando a força ancestral da mulher negra em suas múltiplas facetas. Com isso, ao buscar lembrar a “cor dos olhos” da mãe, a protagonista recorda sua ancestralidade profunda,

sua raiz africana e a história de resistência de suas ancestrais, fundindo a memória individual (a lembrança da mãe) com a memória coletiva (a lembrança de sua cultura).

Mas mesmo diante de todo o esforço de rememoração, a protagonista continua sem conseguir recordar os “olhos” da mãe, dificuldade que a faz retornar, fisicamente, ao seu lugar de origem:

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas. (EVARISTO, 2017, p. 12-13).

Ao voltar para casa, a protagonista compara o seu retorno a um “ritual”, a uma “oferenda aos orixás”, ou seja, aos deuses e à cultura ancestral, novamente demonstrando a fusão da memória individual com a coletiva. Por fim, ao se deparar frente a frente com os olhos da mãe, a protagonista vê que eles estão cobertos de lágrimas. Com isso, a “cor” que ela tanto buscava relembrar nos olhos da mãe era a cor das lágrimas, dos “rios caudalosos”, das “águas correntezas”. A forte referência ao elemento água, conforme Chevalier (2018), reforça a simbologia das emoções transbordantes, no caso, as tristezas e as alegrias da vida da mãe, expressas pelas lágrimas que escorrem como “rios”, demonstrando a abundância de múltiplos sentimentos decorrentes tanto da própria vida, quanto da herança ancestral. A cor dos olhos da mãe, portanto, a forma como ela enxerga o mundo (coletivo) e a si (individual) é pela ótica da água, as emoções profundas. Emoções que se fazem presentes, também, na referência à figura de Oxum, orixá feminina que representa o amor e a fecundidade,

relacionada aos rios e cachoeiras.<sup>4</sup> Com isso, a protagonista recorre a uma simbologia própria da cultura negra para demonstrar o resgate de sua ancestralidade e de sua memória, sempre sob a ótica feminina, no processo de rememoração mítico que Machado (2014) descreve como essencial para a (re)construção da identidade negra, através do qual os mitos, as crenças e a sabedoria ancestral negra ditam o resgate do indivíduo negro consigo mesmo e com a herança de luta e resistência de seus ancestrais.

Por fim, o conto termina com o retorno da personagem ao tempo atual, descrevendo a continuidade de seu processo de resgate ancestral:

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2017, p. 13).

Tendo agora, possivelmente, a mesma idade que a mãe tinha em suas memórias – “quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe” – após descobrir sua memória ancestral, a personagem busca agora desvendar o futuro: descobrir a “cor dos olhos” da filha. Com isso, é como se, ao olhar para o passado, a personagem buscasse enxergar também o futuro, através da continuidade da herança ancestral feminina, personificada pela figura da filha. Nesse processo, os “olhos” de uma se tornam o “espelho” da outra, fundindo a memória, a identidade e a ancestralidade da mãe, da filha e de todas as mulheres que vieram antes delas.<sup>5</sup> Por fim, o conto termina com a pergunta da filha, já não dirigida a si mesma, mas à mãe-protagonista: “— Mãe, qual é a cor tão úmida de

---

<sup>4</sup> Relação semelhante pode ser estabelecida com a orixá Iemanjá. Em mito recontado por Prandi (2001), é descrito o papel primordial da yabá do mar na criação do mundo e na fertilidade. Esse elemento reforça, portanto, a relação intrínseca que os povos iorubás estabeleciam entre a simbologia da água, a fertilidade e o feminino enquanto geração.

<sup>5</sup> Tal perspectiva de entrelaçamento mãe-filha-ancestrais é recorrente em Conceição Evaristo, a exemplo do seu poema *Vozes-Mulheres* – “a voz de minha filha / recolhe todas as nossas vozes” (EVARISTO, 2021, p. 25) – do qual o presente conto constitui-se, de certa forma, como uma “versão narrativa”.

seus olhos?”. A “cor tão úmida” é a cor das emoções, dos sentimentos ancestrais, nos quais se mesclam as dores e alegrias, e lutas e as glórias, as derrotas e as perseveranças de um povo sofrido, das mulheres negras, de sua resistência que emerge do passado, persiste no presente e ecoa no futuro, trazendo uma possibilidade de esperança.

#### 4 Considerações finais

No decorrer do presente estudo, buscou-se investigar – a partir da análise do conto *Olhos d’água* de Conceição Evaristo – como a obra da autora se insere num contexto de resgate da memória e da ancestralidade da mulher negra, tomando o espaço literário como um instrumento de reivindicação política e reconstrução dos saberes suprimidos pela lógica repressora colonial. Ao dar voz e materialidade à perspectiva da mulher negra, Evaristo constrói uma nova poética literária que, transcendendo até mesmo as possíveis restrições do debate político, se assenta como uma literatura de “contrahegemonia”, que parte da herança cultural e simbólica das populações negras com o objetivo de se contrapor ao discurso hegemônico e excludente de uma sociedade marcadamente racista e machista.

Sendo assim, ao promover o resgate literário da memória e da ancestralidade da mulher negra, a narrativa de *Olhos d’água* se constitui enquanto exemplo da escrevivência que, uma vez direcionando o olhar para as suas raízes, permite o (re)nascimento de novas vozes e perspectivas, possibilitando à literatura um caminho legítimo de humanização. Com isso, a literatura de Evaristo oferece uma lição essencial para os dias atuais: resgatar a memória, reaver passado, para a partir do presente construir o futuro.

#### Referências

ANDRADE, Lucas Toledo de. Ancestralidade, memória e autorrepresentação da mulher negra na literatura afro-brasileira contemporânea em *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo. *Revista Entrelaces*, v.1, n.14, p. 159-174, out/dez. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/32687> Acesso: março de 2023.

ARAÚJO, Flávia Santos de. *Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. 2007. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

- CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos*. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *O negro na literatura brasileira*. Navegações. v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez.2013.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Malê, 2016
- EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado. (orgs.) *Escrivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.
- FREITAS, Ricardo Oliveira de. SANTOS, Sandra Andrade dos. Ancestralidade negro-brasileira no romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. *Revista Soletras*. n. 36, p. 128-147, jul/dez, 2018. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/33686> Acesso: março de 2023.
- MACHADO, Adilbênia Freire. *Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- NUNES, Isabela Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida. In: DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado. (orgs.) *Escrivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-57.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.

Recebido em 03/04/2023

Aceito em 17/06/2023